

TRIBUNA LIVRE

28
NOVEMBRO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR—TEL. 62112—AMARÉS

SÁ DE MIRANDA

O nosso dedicado e distinto colaborador, Senhor professor Domingos M. da Silva, em comunicação feita à Academia Portuguesa de Ex-Libris, prestou homenagem à memória de Sá de Miranda, nestes termos:

Ex. mo Senhor Presidente
Minhas Senhoras e
Meus Senhores

Sem abstrairmos que é o 11 de Novembro, dos tradicionais folguedos de S. Martinho, perdoem-me que lembre que também é o mês dos Finados.

Foi através de uma das últimas reuniões de estudos e actividades desta Academia, realizadas no decurso do ano findo, que V. Ex.ª, invocando as razões de se encontrarem injustamente esquecidas algumas das mais prestigiosas figuras do nosso mundo literário, citou entre elas a do egrégio poeta-filósofo Doutor Francisco de Sá de Miranda, mais a mais que, tendo-se comemorado tão apagadamente o quarto centenário da sua morte em 1958, nunca era tarde, e já porque só então possuíamos, graças ao auxílio da Fundação Gulbenkiam, instalações condignas, fazer-se a evocação da sua memória.

Como académico e como amarense, senti-me desde logo na obrigação de responder ao apelo de V. Ex.ª, na parte que respeitava a Sá de Miranda. Dois factos se opuseram, entretanto, a que apressadamente me apresentasse a satisfazer esse imperativo: um deles a possibilidade de mais alguém concorrer com maior elevação e competência a este desejo expresso da Junta Directiva da Academia; outro o terem-se metido de permeio alguns trabalhos inadiáveis, depois as férias.

Como amarense, se eu não fosse conhecedor de quanto na terra de Amarens se têm empregado baldados esforços por honrar a memória do Homem que, não sendo seu natural, a procurou, perfilhou e amou até à morte, promovendo que à sua conta dela se fale pelo menos em ambiente de aulas

nas escolas de grau superior de ensino, ou em tratados da espécie e crónicas literárias, muito haveria de censurar e penitenciar-me agora aqui, e em nome dos meus conterrâneos, por uma atitude que só podia classificar de absoluta ingratidão.

(Continua na 6.ª página)

BANDA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE AMARÉS

Campanha dos sócios protectores

Mais uma iniciativa do nosso jornal está a ser coroada do maior êxito; o que só nos vem confirmar a nossa convicção de que os filhos e amigos do nosso concelho acarinham as suas agremiações e instituições, quando elas lutam, como neste caso, para levantar bem alto o nome da terra mãe.

Deram-nos já a honra da sua inscrição os Ex. mos Snrs: Arão Gonçalves, Gerês; António de Jesus Cracel, Cadelas; Domingos José Dias, Feira Nova; Albino Gonçalves Campelo Junior, Rendur-

fe; Domingos José Pereira Barreiros; Carlos Freitas, Figueiredo; Januário da Silva Barros, Feira Nova; Agostinho César Correia Peixoto, Goães; Manuel Pinheiro da Costa, Gerês; Manuel Cardoso, Feira Nova; Abílio de Jesus Rodrigues, Feira Nova; António José da Costa, Barreiros; Joaquim Luis da Silva, Feira Nova; Manuel Araújo da Silva, Barreiros, e Luis da Silva, Feira Nova.

Pede novas inscrições.

A Direcção

A economia de Angola

O sub-desenvolvimento angolano (I)

Pelo dr. Marques Mano da Mesquita
(Especial para «Lusitânia»)

O maior problema que enfrenta o mundo moderno é o sub-desenvolvimento, nos diferentes aspectos, económico, político e cultural. Este é um fenómeno à escala do mundo de hoje, pois abrange parte da Europa e a quase totalidade da América do Sul, Ásia e África, ou seja, mais de 2/3 da população do globo vive em estado de sub-desenvolvimento com todos os problemas e todas as consequências que é fácil imaginar.

Mas se este é um problema à escala do mundo de hoje, temos que o estudar, equacionar e resolver como homens do nosso tempo.

* * *

Deixemos agora o sub-desenvolvimento político e cultural, visto que aqui apenas nos interessa o económico. E para quem tem procurado estudá-lo, dois aspectos preliminares se oferecem à nossa consideração.

O primeiro é o de que o sub-desenvolvimento económico apresenta características diferentes conforme se trata de regiões frias, temperadas ou quentes e, nestas últimas, em que se consideram as regiões asiáticas e africanas, ainda nos parecem outras características que variam de um para outro continente e com os tipos de sociedades humanas, homogéneas ou heterogéneas, em que temos de enquadrar o problema. É esta uma primeira e grande dificuldade para a caracterização do fenómeno e, por isso, não se en-

contram, ainda hoje, determinados com rigor, princípios uniformes em que assente uma classificação.

O nível de industrialização, a dependência das actividades primárias, a taxa de crescimento do produto bruto e da respectiva capitação, o excesso ou a carência de mão de obra, o grau de produtividade do trabalho e de outros factores e a

(Continua na 5.ª página)

Dr. António R. Guimarães

Pelo senhor Ministro do Interior foi louvado o Senhor Dr. Ribeiro Guimarães que, com muito mérito e altruísmo, desempenha o cargo de director clínico do Hospital da Misericórdia de Vila Verde. Devido às qualidades profissionais e como bairrista acérrimo, o Senhor Dr. Ribeiro Guimarães merece todos os louvores, pelo papel preponderante que vem exercendo desde há muitos anos em Vila Verde. É portanto com todo o gosto que nos associamos à homenagem prestada pelo Governo a este ilustre Villaverdense e passamos a transcrever o diploma a que nos vimos referindo:

«Comando-Geral da Guarda Nacional Republicana.

Considerando que o médico civil Dr. António Ribeiro Guimarães, director clínico do Hospital da Misericórdia de Vila Verde,

(Continua na 4.ª página)

PORTUGAL NA EFTA

Pelo enviado especial da ANI, Dutra Faria—O sr. Gunnar Lange, Ministro Sueco do Comércio, não leu, com certeza a minha crónica anterior. Principiou, todavia, o seu discurso—proferido no dia vinte, na sessão com que inaugurou os seus trabalhos a conferência da EFTA—quase nos mesmos termos com que a crónica principiava.

«Quando pela última vez nos encontramos para se traçar o plano da nossa Associação Europeia de Comércio Livre—começou por dizer o sr. Lange—estava-se em meados de

um formoso Verão. Agora que nos tornamos a encontrar, vemos Estocolmo coberta pelas primeiras neves do ano. O clima, lá fora, mudou radicalmente. Mas o clima ou a atmosfera das nossas negociações não se alterou e, se acaso alguma alteração houve, foi só no sentido de se haver tornado, entretanto, essa atmosfera mais quente ainda do que no Verão».

Acréscitou o sr. Lange desejar que o acordo através do qual se estabelece a Associa-

(continua na 5.ª página)

CONSELHO MUNICIPAL

No Salão nobre da Câmara Municipal, sob a Presidência do seu ilustre Presidente, Sr. D. Nuno de Carvalho Daun e Lorena, teve lugar no passado dia 23, pelas 15 horas, a eleição dos 4 representantes das Juntas de Freguesia ao Conselho Municipal. Constituída a mesa foram as listas distribuídas para apreciação dos nomes indicados e verificou-se plena concordância no apuramento da votação, sendo eleitos os snrs. Mário de Jesus Fernandes de Almeida, de Bouro; Dr. Aristides Marques Vilela, de Amarens; José de Oliveira, de Cadelas e José António Pires, de Lago. As individualidades indicadas, se mereceram sempre no conceito social o maior respeito, mereceram agora ainda mais, tanto de quem os indicou como de quem os elegeu, uma prova inequívoca da estima geral que muito honra e dignifica o C. Municipal. E. G.

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Vontade de Deus

Este céu, estas estrelas,
Brilhantes mundos sem fim,
De que poder dimanaram,
Quem os fez brilhar assim?!

Quem foi que lhes deu a lei
Para no espaço girarem,
Cada qual na sua órbita,
Sem jámais se atropelarem?

Quem criou êstes arbustos
E aquelas árvores gigantes?
Quem gerou jazigos de ouro
E minas de diamantes?

Todas as aves canoras
De tão diversa plumagem,
Quem foi, quem foi que as vestiu
Com tão vistosa roupagem?

Quem foi que disse à abelha
Que para o mel fabricar,
Tinha de, ao cálice da flor,
Ir toda a essência chupar?

Quem ao tigre deu as garras
E ao leão juba tão bela?
Quem, ao par do elefante,
Pôs a tímida gazela?

Quem pôs nos jardins a rosa,
Nos campos o malmequer?
Quem foi que criou o homem
E a tentadora mulher?

E na vastidão dos mares
Que banham os continentes,
Quem foi que neles criou
Milhões de peixes diferentes?

Quem foi que ordenou à água
Que em vapor subisse ao ar
E sobre a terra caísse
Em chuva, para a regar?

Quem disse ao sol:—alúmia
Todas as coisas da terra,
Desde o fundo dos abismos
Aos altos cumes da serra?...

Esta suprema harmonia
Do mar, da terra e dos céus,
Só nos podia ser dada
Pela vontade de Deus!...

UERBA

Máquinas que parecem fazer

Coisas Impossíveis

As máquinas calculadoras britânicas efectuam operações muito semelhantes ao cérebro humano

Fora do campo da ficção, as máquinas que possuem a faculdade de pensar, são consideradas como uma coisa impossível. Seja como for, as novas máquinas que saem agora das fábricas e que tomam forma nos laboratórios da indústria de engenharia electrónica britânica estão em condições de efectuar operações «mentais» que se assemelham aos métodos do pensamento humano.

Há máquinas que ensinam as pessoas. Outras máquinas podem apreender por meio da experiência.

Há ainda outras que podem tomar uma melhor decisão quando são propostas várias alternativas.

Os homens que concebem e constroem estes aparelhos são quase unânimes em não aprovar qualquer ideia que tenda a humanizar estas máquinas. Dizem eles que não se trata de cérebros electrónicos, mas apenas de «calculadores electrónicos». A admirável peça do aparelho que reúne milhares de elementos de informação na calculadora, não constitui uma memória magnética, mas sim um depósito magnético.

O ENSINO PELA MÁQUINA

Todavia, não se pode dizer que existe contradição pelo facto de as afirmações

(Continua na 4.ª página)

Carlos Carneiro expõe no Palácio Foz

—Numerosas obras do artista Carlos Carneiro estão reunidas em exposição no Palácio Foz.

A Exposição abriu hoje, com a presença do Secretário Nacional de Informação, dr. César Moreira Baptista.

Trabalham os escritores portugueses

—Trabalham os escritores portugueses em novas obras e do trabalho de alguns dá nota, na sua página de «Artes e Letras», o «Diário de Notícias». Assim:

Urbano Tavares Rodrigues está a escrever um novo romance «As Aves de Madrugada»; Maria da Graça Freire terminou um novo romance; Sophia de Melo Beyner Anderson terminou a tradução de uma peça de Claudel; para a Atica, David Mourão Ferreira reuniu alguns dos seus ensaios e das suas críticas já publicadas na Imprensa, a fim de serem editados em volume; Eduardo de Azevedo, concluiu um novo romance, e Isabel de Faria está a escrever um romance que intitulou «Encontro com a Morte».

Mais de uma centena de gravuras, executadas por variados processos, estão expostas nas Belas Artes

Por iniciativa da Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, que, fundada há três anos, conta já cerca de 600 sócios, foi inaugurada na galeria principal da Sociedade Nacional de Belas-Artes uma exposição de gravura portuguesa contemporânea, a terceira do género que se realiza em Lisboa. Abrange trabalhos de litografia, água-forte, água-tinta, buril, xilogravura, linóleo, técnica mista, pontaseca e roleta, «silkscreen», calcografia e serigrafia, num total de mais de cem peças.

Os artistas representados são: Santiago Areal, Jorge Barradas, Carlos Botelho, Max Braumann, Fernando Conduto, Calvet da Costa, Daciano da Costa, Bartolomeu Cid, Cipriano Dourado, Ferreira da Silva, Navarro Hogan, Alice Jorge, José Júlio, João Abel Manta, Jorge Monteiro, Sá Nogueira, Ribeiro de Pavia, Júlio Pomar, Mily Possoz, António Quadros, Querubim Lapa, Júlio Resende, Rogério Ribeiro, Nikias Scapinnakis, Gastão Seixas, Teresa Sousa, Hausi Stael e Jorge Vieira.

Simultaneamente, encontra-se exposta também um série documental sobre as técnicas da gravura e sua diferenciação.

Reminiscências

Festas de Santo António.

Passa em nossa frente um grupo de zés-pereiras com os concernentes gigantões, cabeçudos e gaiteiros... e segue-o o rapazio hilariante. O Pinga e o Licas, como gesticulam! Que galhofa a do Quim, do Zé Torto e do Cacán! E no bando álaçre, barulhento e polícromo—de entré a balbúrdia que formava em cortejo através da Vila, ao ritmo atroador de caixas e bombos—sobressaia a figura de um velho, de ouvido atento ao rufar das caixas, alheio ao demais que o cercava. Aquela toada rítmica havia sido, durante toda a sua vida, o nervo de uma paixão ardente. Ia ali o tocador de caixa dos pregões camarários: o velho Guimarães!

E como ele aplicava o ouvido já um tanto ensurdecido pela idade e pela estridência da pancadaria de baquetas e maçanetas sobre as retesadas peles de caixa e bombos! Que entusiasmo este velho punha na música!

A «Arte Popular» de Armando Lucena está a ser publicada em Fascículos

Continua a sair regularmente a obra em fascículos «Arte Popular» (Usos e Costumes Portugueses), de Armando Lucena. Trata-se de uma obra de divulgação cultural cujo interesse é tanto histórico, literário e artístico, como etnográfico e folclórico. Abrangerá quando concluída, três volumes através dos quais todos os usos e costumes do povo português são estudados.

Exposição de pintura, desenho e gravura de Carlos Calvet

—Carlos Calvet da Costa, depois de participar em várias exposições colectivas, desde há mais de dez anos, decidiu-se, por fim, a uma apresentação individual dos seus trabalhos. Seleccionou recentes obras de pintura e de desenho e, também, de litografia, que expõe, agora, na Galeria do «Diário de Notícias».

O «verbo e a morte» — Poesia Filosófica de Vitorino Nemésio

—Revela o «Diário Insular», em correspondência literária de Lisboa, publicada na sua secção de Artes e Letras, que Vitorino Nemésio vai publicar, ainda este ano, um novo livro de poesia, a que pôs o título de «O Verbo e a Morte».

Trata-se de poesia filosófica, paralela à da obra «O Pão e a Culpa».

ca infernal dos zés-pereiras! Como o olhar brilhava de entusiasmo com o trocadilho dos rufos nervosos! O zabumba prendia-lhe os sentidos e soava-lhe nos tímpanos como a mais suave e artística melodia nos poderia sensibilizar...

O cortejo continuou sempre a sua marcha barulhenta e o velho Guimarães perdeu-se nos de vista, enquanto que a imagem de um passado longínquo nos acudiu à memória, a recordar tempos de criança em que também nós acudíamos, como ele—agora, outra vez, criança—ao ritmado rufar do seu tambor nas feiras semanais, instrumento que o tempo gastou no rodupiar dos anos, do mesmo modo que se extinguiu a praxe, um tanto pitoresca, dos pregões que tão solenemente um oficial da Câmara Municipal ditava e repetia por toda a feira ao povo que curiosamente acudia ao artístico tamburilar do Guimarães, formando nutrido magote para escutar os éditos municipais.

O oficial era também uma figura característica, digna de memorar aqui.

Aguardava que o povo acudisse ao chamamento e, mal soavam as últimas dissonâncias no tambo, colocava as lunetas com ênfase, abria vagarosamente o edital e proferia o pregão, solenemente, que era logo de seguida comentado entre os circunstantes...

Esse homem bom, o último oficial da Câmara a que ouvimos fazer pregões, era o Senhor Rodrigues de Cairas que, graças a esta circunstância, ainda hoje conservamos na retina, nitidamente, a sua—como diremos!—castiça figura de homem popular.

E aqui está, como esta associação de ideias e de factos—zés-pereiras e pregões camarários, aliás coisas bem diferentes—nos trouxeram à memória reminiscências de um passado longínquo que sabe bem lembrar.

Aos nossos leitores também não desagradará, certamente, recordar um dos mais típicos usos, que desapareceu na voragem do tempo, que nada poupa: nem os costumes, nem as pessoas, nem as coisas...

EME

Empresta-se dinheiro
sobre hipotecas
Falar a Lídia Ferradaís
Lugar Novo — Feira Nova
AMARES

TRIBUNA do CONCELHO

Reunião Camarária

Internamentos de Urgência

A Santa Casa da Misericórdia e Hospital de São Marcos de Braga, informa que foram internados com urgência naquele Hospital os doentes, Germano Fernandes e António Soares, Isilda Erene Soares da Cunha e Adelino Ribeiro de Almeida.

Isenção de Emolumentos

O Governo Civil do Distrito de Braga, transcreve a circular número Z-1/20, L.º 23-A, datada de 30 do mês de Outubro findo, da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que pelo disposto no Artigo 274.º do Código do Registo Predial, aprovado pelo Decreto-Lei número 42.565, de 8 de Outubro findo, os corpos administrativos ficam isentos de pagamento de emolumentos nas Conservatórias do Registo Predial pelo Registo de prédios àqueles pertencentes, designadamente nos casos de transmissão operadas a seu favor.

Derramas

O Governo Civil do Distrito de Braga, transcreve a circular P.º Z-1/116, L.º 23-A, de 3 de Novembro corrente, da Direcção Geral de Administração Política e Civil, informando que foi resolvido, por despacho de 23 de Outubro findo, de Sua Ex.ª o Subsecretário de Estado do Orçamento, que implicará o indeferimento dos pedidos das Câmaras Municipais autorizadas a lançar derramas nos termos do Artigo 22.º do Decreto-Lei número 39.805, de 4 de Setembro de 1954, que não solicitem aos directores de finanças respectivos, no prazo estabelecido, no § único do mesmo artigo, a cobrança de tais derramas juntamente com a dos adicionais às contribuições gerais do Estado referentes ao ano de 1961 e seguintes.

Requerimentos de doentes

Foram presentes à Excelentíssima Câmara os seguintes requerimentos pedindo guias para internamento e tratamento de doentes pobres em estabelecimentos hospitalares, deferidos pelo Presidente da Câmara: Emílio Veloso de Araújo, de Rendufe, Dorinda da Conceição Pinto, de Prozelos, Rosa da Silva, de Caldelas, Palmira de Jesus Fernandes, de Bouro Santa Maria, Maria Augusta de Oliveira, idem, Arnaldo de Jesus Fernandes Vieira, de Ferreiros, António Alves da Silva, de Vilela, José Machado, de Figueiredo, António de Barros, de Caldelas, Belmiro da Silva Pinheiro, de Caires, Porfírio de Jesus Soares, de Bouro.

Licenciamento sanitário

De Maria de Jesus Vieira, de Figueiredo, pedindo para lhe anular o requerimento apresentado nesta Câmara em 24 de Fevereiro do corrente ano, em que ela solicitava a concessão de um alvará de licenciamento sanitário para abate e venda de carne suína e seus derivados, bem como autorizar o levantamento da importância que para o mesmo fim foi depositada, em virtude de lhe não interessar o referido alvará.

Requerimentos diversos

De José João Baptista de Lemos, Paulo José Peixoto Baptista Lemos e Augusto Joaquim Peixoto Baptista Lemos, todos da freguesia de Bico, deste concelho, pedindo para que lhes seja autorizada receber energia eléctrica fornecida pela firma Pinheiro & Alves, L. da, através da cabine localizada, na referida freguesia, lugar de Vila Meão de Cima, dada a grande necessidade que têm, principalmente para fins agrícolas, comprometendo-se a utilizar essa energia a título precário e provisório, sómente durante o tempo, em que a referida região não for electrificada.

De Francisco dos Santos Vieira Leitão, Braga, pedindo autorização para colocar no seu escritório, sito no Largo D. Gualdim Pais, desta Vila, uma placa com os seguintes dizeres: «F. Vieira Leitão Advogado».

De Luís Martins Brandão, desta Vila, solicitando ligação de água à rede de abastecimento de água à Vila de Amares para o prédio que habita, propriedade da Senhora Dona Josefina de Jesus Dias Leite.

De António Pereira de Jesus Cracel, Ferreiros, solicitando licença de habitação para o seu prédio que construiu na Rua Sá de Miranda, da referida freguesia.

(Continua no próximo número)

Caires

Falecimento

— No lugar do Outeiro, desta freguesia, faleceu nesta semana, a Senhora Hermínia Cândida Antunes, estimada parteira local. Foi confortada com todos os Sacramentos. Teve um lindo enterro, porque o seu neto, Delfim Pinheiro, não lhe faltou com nada à hora da morte. Os serviços fúnebres foram confiados à acreditada Casa funerária de Augusto do Sacramento Costa, desta Vila; teve uma eça de primeira e a Igreja coberta de rigorosos crepes. Teve officio solene assistido de vários sacerdotes desta localidade e de Braga, do Seminário Conciliar, que entoaram os salmos em puro tom gregoriano e que no fim muito apreciaram o nosso salão paroquial, e tudo acharam em boa ordem e harmonia. Paz à sua alma.

De Visita

— Deram-nos o prazer da sua muito estimada visita os Senhores, José Augusto da Silva e sua esposa D. Laurinda Rodrigues — residentes em Ovar — e que vieram visitar a sua família de Caldelas, Portela e Caires — entre os quais o Senhor Silvério da Silva e Judite da Silva — bem como esteve entre nós o Senhor Carlos da Silva — de Lisboa, de visita a sua estimada e idolatrada Mãe, e da Senhora Hermínia Cândida Antunes — acabada de falecer. Destas pessoas sérias,

Continuação da 4.ª página

Caldelas

Ainda a placa escolar de Sequeiros

O tempo ea agricultura

Caldelas 20—Continua a notar-se a falta da placa escolar, próximo à escola primária da vizinha freguesia de Sequeiros, que fica à face da estrada Nacional n.º 205 3.ª e no meio da curvas e contra-curvas. Nos dias dos mercados de Covas os veículos automóveis que circulam naquela estrada, são em número muito elevado e já por várias vezes tem estado para haver desastres fatais. Pedimos mais uma vez a atenção da Direcção das Obras Públicas para esta falta que bem precisa ser resolvida sem demora.

— Há dias que temos estado sob violento temporal com fortes ventanias, tendo arrancado e partido muitas árvores e deitado grandes quantidades de azeitona ao chão, perdendo-se muita em virtude do tempo não permitir a sua recolha.

C.

Besteiros

Tríduo do Sagrado Coração de Jesus

Como remate dos piedosos exercícios do mês das almas, que na Igreja paroquial se têm realizado todos os dias, ora de manhã, ora de tarde, com bastante concorrência de fieis, realiza-se nesta última semana de Novembro como, aliás já é costume, o solene Tríduo de pregações religiosas em honra do Sagrado Coração de Jesus, e almas, confiado a um sábio e santo Missionário do Evangelho. Na Sexta-feira e Sábado há as costumadas confissões para homens, mulheres e crianças da Catequese, Cruzada e Cáritas. Hora Santa e solene devoção às Santas princesas: Sta. Cecília, Sta. Maria Goretti e Santa Filomena, que fazem solene corte aos dois Corações de Jesus e Maria.

(Continuação da 4.ª página)

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje—O snr. António Baptista Macedo Fernandes.

Terça-feira—A menina Maria Amélia Oliveira Arantes, a sra. D. Maria do Céu Gomes e o sr. António José da Costa.

Quarta-feira—O sr. Mário José Dias Antunes e o sr. José Azevedo Dias.

Quinta-feira—O Sra. Mário Ramos.

Sexta-feira O Snr. Artur da Cunha Cruz.

ANIVERSÁRIO

No próximo dia 3 de Dezembro, passa o aniversário natalício do Sr. Paulo Barbosa de Macedo, gerente da importante Firma. Irmãos Barbosa de Macedo, L.da.

Com grande rigosijo e portão faustosa data, todos os empregados se associam ao seu aniversário e pedem a Deus que lhe prolongue a vida por muitos anos, para o grande progresso da nossa terra. Parabéns.

Câmara Municipal de Amares

CONVOCAÇÃO

De harmonia com o disposto no art.º 28.º do Código Administrativo convoco os vogais do Conselho Municipal, que há-de servir no quadriénio de 1960 a 1963 para a reunião constitutiva do referido órgão Administrativo que terá lugar no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho no próximo dia 2 de Dezembro, pelas 10 horas, e no qual se procederá à verificação dos poderes dos novos vogais eleitos e à eleição dos Secretários do Conselho, e dos vogais da Câmara que entrará em exercício em 2 de Janeiro de 1960.

Amares, 26 de Novembro de 1959

O Presidente da Câmara,

a) D. Nuno Luís de Carvalho Daun e Lorena

Dr.ª D. Helena Maria de Araújo de Carvalho Matos

Com a brilhante classificação de 15 valores acabou a licenciatura em Ciências Histórico-Filológicas, pela Universidade de Coimbra, a senhora D. Helena Maria de Araújo de Carvalho Matos, filha do nosso amigo sr. Alberto Jorge de Carvalho Moreira de Matos.

Os nossos sinceros parabéns à nova doutora e a seus queridos pais.

HUMORISMO

No consultório

Certo indivíduo foi ao dentista e disse:

—Oiga-me, caro doutor: dois molares, um canino e um pré-molar. Todos estragados.

Arranque-os sem receio nem dó. Nada de anestesia.

Tire-os fora sem cerimónia.

—Ótimo? Assim é que eu gosto de clientes—corajosos! Faça o favor de se sentar.

—Não, senhor! O caso não é comigo. Trata-se de minha sogra, que está na sala de espera.

Visado pela Censura

PÊLOS

Destruição definitiva pelo processo mais moderno e rápido

RUA DE S. VICENTE 94 || BRAGA

Máquinas que parecem fazer coisas impossíveis

Continuação da 2.ª página

dos cientistas e engenheiros serem desmentidas pelas máquinas que eles produzem. Há muitos exemplos em alguns dos tipos mais aperfeiçoados que estão a ser produzidos pelas empresas pertencentes à Associação de Engenharia Electrónica.

Um dos aparelhos agora em produção está a ser utilizado exclusivamente para o ensino dos operários na perfuração dos cartões. Estes cartões que são muito utilizados no fornecimento de informações às calculadoras, são perfurados com buracos que representam factos e cifras.

O operador, para ser preciso nas suas funções, deve estar apto a transcrever as letras e algarismos escritos numa folha de papel para um quadro especial, que produz o código de perfurações no cartão. O «professor» electrónico não sómente pode ensinar o aluno, no máximo, em metade do tempo que o professor humano levaria, mas ainda pode saber muito mais cedo durante o período do ensino se o «aluno» poderá tornar-se um bom operador.

Não existe nada automático acerca dos métodos de ensino pela máquina e não é de maneira alguma desagradável o ensino por ela ministrado.

Ela desempenha as suas funções como se estivesse a jogar uma partida de algum jogo com o aluno, procurando sempre estar um pouco à frente do aluno, mas sempre disposta a mostrar-se amável e atenciosa e afrouxar a sua superioridade, sempre que se torne necessário fazê-lo. Nas primeiras fases, por exemplo, oferece ao aluno o «burro» que lhe mostra qual o botão que deve premir. À medida que a eficiência é cada vez mais acentuada o «burro» desaparece, mas se a eficiência se não mantiver se o aluno hesita ou falha, o «burro» volta a aparecer.

UM POUCO DE RACIONALIDADE

O ritmo de ensino aumenta sempre de harmonia com a proficiência do aluno. Isto confere à máquina um que de autêntica racionalidade, pois ela pode verificar se o aluno está fora da razão. Neste caso a máquina ajusta-se por si própria, mas sempre que se nota uma melhoria, a sua velocidade aumenta. Ela pode observar e tomar em consideração a disposição do aluno mas, ao contrário do que sucede com alguns professores, não revela qualquer disposição. Ela pode usar-se para toda a espécie de funções, incluindo a dactilografia.

O seu inventor estuda agora as possibilidades de a adaptar ao ensino de piano. Concebida pouco mais ou menos nos moldes de idêntico sistema, foi lançada uma

segunda máquina pelos mesmos laboratórios Dorking, em Surrey. Concebeu-se esta máquina para ensinar outras máquinas e não homens. Pode, por exemplo, ensinar ao computador electrónico os métodos que deve usar para fazer certo trabalho, ou os sistemas de vigilância electrónica usada no automatismo.

CIBERNÉTICA NA INDÚSTRIA

São estes instrumentos cibernéticos. Cibernética vem do grego e quer dizer ciência de fiscalização de comunicações relativa a homens, máquinas e animais.

Em homens e animais são o cérebro, nervos e músculos; em máquinas, é o sistema de vigilância, o maquinismo regulador e a potência. Um exemplo complexo do sistema cibernético é a combinação do piloto e um avião.

Um trabalho importante está agora a ser realizado pela introdução de planos de cibernética na indústria, no qual a aparelhagem electrónica substituirá o trabalho directivo, bem como o trabalho puramente industrial. Um dos grandes grupos de aço na Inglaterra instalou um departamento para este fim que inclui, não apenas engenheiros electrónicos e cientistas, mas ainda biólogos, psicólogos, cuja tarefa é pôr em equação os sistemas electro-mecânicos com os sistemas mentais e físicos de homens e animais.

Não se pretende — pelo menos por agora — que a electrónica substitua inteiramente a direcção do homem. Todavia, deve dizer-se que os computadores electrónicos, convenientemente utilizados, podem tomar decisões muito mais precisas do que fariam os homens em condições em que a situação é controlada por um certo número de variantes. Estes computadores podem tomar decisões sobre métodos científicos para o que não é necessário qualquer trabalho de conjecturas, intuição ou tradição, podendo essas decisões ser tomadas com uma rapidez extraordinária. Um computador pode observar a situação que é afectada por centenas de factores, estudar a situação e indicar ou mesmo iniciar as melhores medidas a tomar. O «gerente electrónico» pode mesmo prever o resultado das alterações iminentes e indicar o melhor caminho a seguir, a fim de as evitar.

O equipamento de vigilância britânico está a ser usado em muitas partes do mundo e uma das mais importantes encomendas foi enviada a uma das grandes empresas para fornecimento ao Comando de Material Aéreo da Força Aérea dos Estados Unidos. Destina-se a mesma para um sistema de controle de elementos para «dar ordens» a um gigantesco aparelho que produz asas de

aviões de metal sólido, um dos requisitos para a construção de aviões supersónicos.

NÃO É NECESSÁRIO O «TEMPLATE»

O sistema de vigilância orienta dois «cutter-heads» de 100 cavalos, trabalhando numa mesa de 9,144 metros por 2,438 metros. O movimento dos «cutters» em três dimensões é controlado pelos cartões perfurados. Não é por isso necessário o «template» para a orientação dos «cutters» e os contornos do trabalho acabado, podem ser regulados por um computador electrónico. A vigilância é tão rigorosa que pode acusar as tolerâncias tão baixas como mais ou menos 0,002 polegadas (0,058 milímetros). Um sistema de alimentação evita a ocorrência de erros por desgaste no maquinismo do corte.

Um dos aperfeiçoamentos introduzidos por uma das empresas de engenharia britânica é o equipamento de vigilância munido dum computador que transfere a informação directamente do quadro para o sistema de vigilância.

O motivo desta encomenda é que a grande fábrica de máquinas ferramentas dos Estados Unidos Cincinnati Milling Machine Company, recorreu a uma empresa britânica, porquanto não havia possibilidade de adquirir semelhante equipamento na América.

A importância desta espécie de equipamento electrónico reside no facto de ele permitir ao fabricante produzir, em pequenas quantidades, peças de grande precisão por um custo módico, sem preparar as máquinas para produção em massa.

Uma das vantagens está no facto de se poderem fazer alterações nos desenhos de plano de produção, com a simples mudança de cartões perfurados que «dão instruções» ao controle electrónico.

O Ministro dos fornecimentos do Reino Unido, comentando a introdução de equipamento mecânico controlado electrónicamente, na Fairey Aviatica Company Ltd., com fábrica em Heaton Chapel, Cheshire, afirmou que a máquina calculadora, custando entre £ 80.000 e 90.000, permitiu que fossem fabricadas grandes quantidades de partes estruturais componentes na fábrica, que custaram £ 500.000, contra libra 7.000.000 que teriam custado as grandes prensas de forja para o seu fabrico. Isto realmente representa uma grande economia.

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Dr. António R. Guimarães

(Continuação da 1.ª página)

ricórdia de Vila Verde, vem prestando há cerca de trinta anos e sem qualquer remuneração serviços clínicos ao pessoal do posto da Guarda Nacional Republicana com sede naquela localidade e ao subposto de Prado desde a sua instalação (10 de Junho de 1957);

Considerando que tais serviços, nas mesmas condições e desde as mesmas datas, têm sido extensivos às famílias das praças dos referidos posto e subposto, incluindo intervenções cirúrgicas gratuitas, o que constitui grande benefício para as praças e apreciável economia para a Fazenda Nacional;

Considerando ainda que os mesmos serviços têm sido prestados com a melhor vontade, carinho e dedicação;

Mandou o Governo da República, pelo Ministro do Interior, louvar o médico civil Dr. António Ribeiro Guimarães, director clínico do Hospital da Misericórdia de Vila Verde, pela forma carinhosa, abnegada e assídua com que há cerca de trinta anos vem prestando serviços clínicos gratuitos — quer em consultas normais, quer em visitas domiciliárias, quer em intervenções cirúrgicas — ao

pessoal do posto da Guarda Nacional Republicana com sede naquela localidade e a suas famílias, serviços que tornou extensivos nas mesmas condições ao pessoal das respectivas famílias do subposto de Prado desde a sua instalação (10 de Junho de 1957), demonstrando, com tal procedimento, novas virtudes filantrópicas, um acentuado e apreciável desinteresse e muita dedicação pelo serviço público.

Ministério do Interior, 4 de Novembro de 1959.

O Ministro do Interior — a) — **Analdo Schulz.**

Condições de Assinatura

Continente	
Ano	50\$00
Semestre	25\$00
Ilhas	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Brasil	
Avião—ano	150\$00
Semestre	75\$00
Barco—ano	60\$00
Semestre	30\$00
Estrangeiro	
Avião—ano	180\$00
Semestre	90\$00
Barco—ano	80\$00
Semestre	40\$00

Besteiros

Continuação da 3.ª página

ria, a quem a paróquia de Besteiros, se vai consagrar solenemente, após a missa solene da festa.

Casamento

— Realizou-se no passado Sábado, o enlace matrimonial do Senhor José Fernandes Soares, de S. Vicente do Bico — com a gentil menina, Brazelina Rosa de Macedo Ferreira — do lugar do Monte, desta freguesia de Besteiros. Teve um lindo acompanhamento e os actos litúrgicos na Matriz, revestiram-se de grande brilhantismo, com maviçosos Cânticos e melodias celestes, acompanhadas a Harmónio em honra de Santa Cecília e Almas.

Falecimento

— Faleceu há dias, no lugar de Redondelo, a simpática menina de 20 anos — Olívia Fernandes da Silva — filha do caseiro do Senhor Dr. Eduardo. Teve um grande acompanhamento com pessoas de muitas freguesias e irmandades. Ia toda vestida de branco a festejar as suas místicas bodas eternas com o seu querido Noivo: Jesus.

De Visita

— Deram-nos o prazer da sua muito estimada visita a esta paróquia, a distinta família «Morais Rocha» de Lisboa e a família do Senhor Valdemar, de Vila Nova de Famalicão, com os seus au-

CAIRES

(Continuação da 3.ª página)

precisa muito, a nossa sociedade moderna. Que nos visite muitas vezes, são nossos os vivos desejos.

Casa Nova

— O Senhor Lourenço Baptista e sua Ex.ma esposa D.ª Belmira Rebelo Baptista, inauguraram a sua nova e linda vivenda, do lugar do Paço, com a bênção solene da Santa Igreja à qual presidiu o Rev. Pároco da freguesia e com um almoço íntimo para a família e algumas pessoas de pura e sã amizade. Que a gozem e habitem nela por largos anos, são os nossos votos e preces fervorosas.

Cumprimentos

— Enviaram-nos, do Brasil, os seus cumprimentos amigos, os senhores, Aparício Miguel Alves, José Soares Alves, Manuel Fernandes Lorangeira e Francisco José Brandão. Felicidades para todos.

Doente

— Encontra-se, gravemente enfermo, já não celebrando, o velho amigo e Arcipreste de Terras de Bouro, Senhor P.º José Joaquim Arantes, do lugar das Penas, desta freguesia. Oremos por todos.

tomóveis, sempre amáveis em bem servir toda a gente.

Felicidades a todos. Gratos por todas as atenções.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 58

(CONTINUA)

* * *

Quanto à antiga paroquia, ela acolheu-se sob o patrocínio de S.ta Maria Madalena e ficou, por certo a primeira desta invocação Entre-Homem e Cávado.

Bem está, que a sua capela pode, pelas suas boas proporções, abrigar concorrida romagem; e justo é que assim aconteça pelo tempo fora — digna compensação de uma humilhação sofrida. Sua porta ampla, voltada para os de Covas, a mostrar a respeitável prioridade, reclamaria antes uma estrada desafogada e convidativa.

Também mostra nas empenas, em baixo relevo, as cruces das estações da via-sacra e isto harmoniza-se com os últimos passos da vida da «Santa penitente» sua actual padroeira.

O sólido e elegante torreão duplo, mais moderno, pois tem sobre uma gateira a data de 1885, decidiram devotados patriotas do mesmo lugar, ausentes no Brasil, repará-lo do que fora despojado.

O competente cruzeiro tem gravado a era de 1788.

Ali perto, o nicho de umas «alminhas» desprezadas como tantos que se encontram à borda dos caminhos, a significar a degenerescência de uma grande devoção que animou os povos da região e inspirou a sua existência, envolvendo em poesia uma crença, implora não já as habituais lembranças e esmolas de quem passa; que o restituam ao fim que lhe deu o ser e o exemplo seja seguido em todos os lugares que se deixaram cair no desmazelo tantos destes interessantíssimos monumentos da tradicional arte portuguesa.

Falta dizer que nas arrecadações da Câmara existem duas bocas de fogo, recolhidas de um fortim improvisado na «bouça da Mó» ao tempo das guerras da Restauração.

(Continua no próximo número)

A economia de Angola

Continuação da 1.ª página

esperança de vida são, entre outros, índices através dos quais o economista vai procurando desbravar o caminho do conhecimento em que possam assentar as soluções fornecidas pela ciência económica.

Chegados a este plano — e é esta a segunda observação preliminar — outra dificuldade se nos apresenta. Até 1936, a economia apresentava no seu conjunto, duas grandes correntes: a capitalista e a comunista ou socialista.

Entre o aparecimento da economia capitalista, com a revolução industrial, do tipo liberal e concorrencial e o ano referido, para além das soluções económicas marxistas, apenas encontramos todo um conjunto de autores que, sem quererem aderir às teorias comunistas, iam demolindo, pouco a pouco, o edifício da teoria capitalista cujos fundamentos ou alicerces tinham sido, aliás, abalados, em certo sentido, pela própria crítica marxista.

Em 1936, Lord Keynes, com a sua «Teoria Geral», revolucionou a teoria capitalista e os seus seguidores ingleses e, sobretudo, os da escola sueca e americana, acabam por nos apresentar aquilo que é hoje o capitalismo moderno que está bem longe, ao menos na teoria, das primeiras formas do

capitalismo industrial.

É esta a maior conquista da ciência económica no nosso tempo, visto que nos é possível, objectiva e cientificamente, opor à teoria marxista uma teoria capitalista moderna, válida e de acordo com as exigências do mundo em que vivemos.

Acontece, porém, que as novas teorias da economia do mercado se aplicam apenas a economias industrializadas ou evoluídas e, assim, fica em aberto a questão para as economias atrasadas ou subdesenvolvidas e em via de evolução. A questão preocupa hoje os economistas de todo o mundo e há sobre o assunto vasta bibliografia mas não apareceu, ainda, uma teoria geral, capaz de nos dar as soluções para este problema maior do nosso século.

O assunto tem o maior interesse para os portugueses, visto que temos na metrópole uma economia em via de evolução e no Ultramar vários tipos de economias subdesenvolvidas. É o caso de Angola.

Angola, até 1946, tinha como aliás ainda tem, uma economia subdesenvolvida. Naquela data era uma economia fundamentalmente agrícola pobre e, na sua maior parte, de subsistência, com problemas mínimos se abstraíssemos

Portugal na EFTA

Continuação da 1.ª página

ção Europeia do Comércio Livre seja apenas uma etapa no caminho que leve a uma organização económica mais vasta de países europeus, susceptível de incluir também os «seis» do Euromercado.

Outros não foram os votos que formulou, por seu turno, o Secretário de Estado, português, do Comércio, dr. José Gonçalves Correia de Oliveira.

Julgo — salientou ele, no seu breve mas expressivo discurso — que a consolidação do trabalho que acabamos de concluir é absolutamente necessária para a realização do nosso objectivo final: a grande Associação Económica que abranja todos os países membros da OECE.

Na mesma ordem de ideias

das questões postas pelo desenvolvimento económico.

O surto de progresso verificado a partir daquela data, e que parece agora terminado, se não alterou os dados da classificação modificou por completo o panorama das actividades económicas e é, nesse quadro, que importa hoje, rapidamente, estudar as soluções e pô-las em prática.

Não se possuem números exactos e rigorosos — este é um problema comum às economias atrasadas africanas e asiáticas — mas pode esboçar-se, grosso modo, o quadro da economia angolana desta forma:

1 — Uma sociedade heterogénea, multi-racial, composta, fundamentalmente, por dois grupos étnicos, diferentes, quatro milhões e meio de indivíduos de raça negra e 150.000 indivíduos de raça branca;

2 — Esta população distribui-se, de uma maneira geral, da seguinte forma:

a) mais de metade da população indígena vive em agricultura de subsistência;

b) a parte restante ocupa-se numa agricultura de mercado e uma pequena fracção trabalha nos centros urbanos, nas actividades domésticas, industriais e nos serviços;

c) a população branca trabalha na agricultura do mercado, actividades industriais e serviços.

3 A maior parte da população activa ocupa-se nas actividades primárias que contribuem em mais de 50 por cento para a formação de produto bruto que, aumenta vagarosamente, a taxa do investimento é reduzida, baixa a produtividade e a esperança de vida, e é reduzido o nível de industrialização. A maior parte da população possui um fraco poder de compra.

Estamos perante um quadro que é o tipo de uma economia subdesenvolvida africana.

falaram também o sr. Krag, Ministro dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca; o sr. Skaug, Ministro norueguês do Comércio; o sr. Heathcoat-Amory, Chanceler do Tesouro britânico; o Kresky, Ministro austríaco dos Negócios Estrangeiros; e em nome da Suíça o sr. Petitpierre, Conselheiro Federal.

Foi salientado igualmente que o estabelecimento da Associação Económica de Comércio Livre cria na Europa um mercado cuja população é de cerca de noventa milhões. E acrescentamos que, populacionalmente, se, nesse conjunto, a Inglaterra, com cinquenta milhões, ocupa o primeiro lugar, Portugal vem logo a seguir.

Outro ponto foi ainda salientado: ao contrário do Euromercado, a EFTA não tem objectivos políticos. A este respeito, vale a pena arquivar as declarações que fez hoje mesmo a um jornalista francês — representante de «Le Monde», de Paris — o sr. de Besche, Secretário Geral do Ministério sueco dos Negócios Estrangeiros.

Dois princípios fundamentais — afirmou o sr. de Besche — inspiraram o grupo dos sete. O seu objectivo é acima de tudo comercial: a liberalização progressiva das relações comerciais na Europa e no Mundo. Não temos objectivos políticos. Entre nós figuram, com efeito, países que proclamaram a sua neutralidade política, como a Áustria, a Suécia e a Suíça, e nações que não puderam encarar a hipótese da sua entrada no mercado comum e obedecem a determinações próprias: a Inglaterra, Portugal, a Dinamarca e a Noruega. Sem dúvida, uma cooperação económica mais estreita não deixará de exercer influência sobre a opinião pública de cada país no sentido de uma crescente cooperação também noutros domínios. De qualquer modo, essa não é a realidade perante a qual nos encontramos hoje. Não podemos ir além de uma Associação Económica. E esta aqui está o outro princípio fundamental — assenta no estabelecimento de uma zona de comércio livre e não em qualquer união aduaneira.

A estes dois princípios anunciados pelo sr. Besche haveria, porém, que acrescentar, talvez, um terceiro, a que também obedeceram os negociadores do acordo da EFTA — o

que os levou a não aplicarem critérios rígidos, «a não tratarem de igual modo (como acentuou o dr. Correia de Oliveira) o que é desigual».

Por exemplo, ao passo que, uma vez assinado o acordo da EFTA pelos sete Governos interessados, nenhum dos outros Estados poderá aumentar as taxas aduaneiras, qualquer que seja o pretexto, Portugal fica livre de estabelecer até 1 de Julho de 1972 direitos de protecção para qualquer indústria nova ou novo fabrico, gozando assim, por doze anos, de um benefício que aos outros seis países da Associação foi negado.

Também, ao passo que os outros seis países, após a redução geral de 20 por cento a 1 de Julho de 1960, têm que reduzir em 10 por cento as suas taxas aduaneiras — para os produtos abrangidos pelo acordo — de dezoito em dezoito meses, Portugal só procederá a uma segunda redução em 1 de Julho de 1965.

Estas e outras vantagens, deve-as Portugal ao reconhecimento, pelas outras nações do «Grupo de Estocolmo», da sua particular situação do país ainda escassamente industrializado, mas deve-as também — há que reconhecê-lo — à habilidade e ao facto do Secretário do Comércio e dos outros negociadores portugueses do acordo.

Assim, é numa atmosfera de optimismo — de optimismo para todos, mas de optimismo, em especial, para os portugueses — que estão a decorrer os trabalhos da conferência da EFTA.

Única nota porventura um pouco discordante foi, apesar da sua incontestável beleza, o espectáculo de gala oferecido, ontem à noite, no Teatro Real, pelo Governo Sueco em honra dos Ministros e Delegações dos outros seis países da Associação: cantava-se uma ópera de Karl-Birger Blomdahl — «Aniara»; e esta ópera é a história da aeronave gigantesca onde oito mil pessoas fugidas de um planeta radioactivo erram através do espaço, algures entre Marte e a devastada Terra...

Simbolicamente, a principal personagem é uma poetisa e cantora cega.

Na verdade, coadunava-se mal com as esperanças que todos, aqui, põem no futuro da Europa esta ópera tão pessimista, quanto ao futuro da Humanidade.

Deseja trabalhos tipográficos
com rapidez e perfeição?

DIRIJA-SE À
MODELAR

Telefone 62113

Amares

SÁ DE MIRANDA

Continuação da 1.ª página

Mas não. E eu sei que todos eles quantos têm a consciência e sabem avaliar o alcance e expressão desse significado — desse gesto de predilecção — vêm de há muito tempo a tomar iniciativas de comemorações e celebrações, de dar forma e asseio à sua sepultura humilde, mesmo de consagrar-lhe um monumento.

Com efeito, quando na época da sua vida os valores do tempo denunciaram certa decadência de costumes que afectava a alta sociedade e cada um vibrou contra os desmandos seus juízos críticos e azedume mais ou menos contundente e mordaz, Sá de Miranda, soube participar do número dos que mais fundo satirizou essa mesma sociedade, não se contentou que não completasse a sua lição de moral, permanente e sempre actual e viva, buscando no meio do povo são e simples o seu refúgio.

No centro da atraente região minhota, essencialmente agrícola, Entre-Homem e Cávado, a sua afeição pela vida do campo, a contrariar o desenfreado urbanismo e interesse pela vida palaciana dos fidalgos seus contemporâneos, fez tudo para que se fizesse, um provinciano, como os demais seus vizinhos, com quem negociou e tratou de adquirir as propriedades que haviam de conformar a histórica Quinta da Tapada. Depois socalçou, murou e administrou com sabedoria e arte; levantou bem alto um hino de louvor, realçando o prazer e alegria do viver campestre, os saborosos frutos, a liberdade, o desporto da caça... fez o elogio do «bom lavrador» que muito admirava e louvava.

Aí constituiu família, amou e sofreu. A crítica literária e biográfica tem chegado ao extremo de tentar averiguar se era formosa, velha ou nova, a companheira querida que escolheu. Basta saber que era a virtuosa dama antiga, da legítima estirpe de Machados de Azevedo e Vasconcelos, da nobre Casa de Castro, de Carrazedo.

Teve as suas horas felizes e de amarga exprobação: principalmente a notícia da morte, às mãos traiçoeiras dos mouros de Tetuão, do primogénito Gonçalo. Onde se esperavam as glórias cavalheiras do moço aventureiro; nele a projecção da família pela instituição de um vínculo morgânico, de repente o luto e a dor! Simulava o pai a sua resignação para incuti-la na mãe inconsolável, mas esta foi ferida mortal de que nunca mais se curaram. De tudo deixou testemunho em sua obra poética que retrata a sua forte e inconfundível personalidade.

Morreu de avançada idade, em mês e dia até hoje incertos do ano de 1558. Foi levado a enterrar na paróquia de Carrazedo, onde repousa na capela lateral de N. Senhora da Apresentação, contígua à de Santa Margarida, que ambas se destinavam a jazigo das ilustras famílias da Tapada e de Castro.

Por caminhos que medeiam razoável distância, apertados entre os beirais dos campos desaguavam no adro da igreja aldeã, longo cortejo fúnebre de círios e lumes acesos acompanhou decerto, e como sempre foi de tradição local, este lustre das Letras nacionais cuja vida se apagara para sempre, mas passou a viver para a imortalidade.

Referiu-me há pouco tempo

entidade competente que para custear hoje só as despesas da cera nos funerais que se faziam a pessoas nobres da Casa de Castro, donde foi D. Briolanja, seria preciso o valor de uma de suas melhores propriedades.

Não faltaram nesse préstimo, e bem representados, os frades bentos do mosteiro de Rendufe, tão affectos ainda às duas casas, a psalmodiarem os seus responsos, a prestar as últimas homenagens ao fidalgo virtuoso e crente. Não faltaram as delegações do clero, nobreza e povo de Entre-Homem e Cávado de que era senhor donatário seu cunhado D. Manuel Machado de Azevedo, que ainda vivia.

Igual na vida e na morte, Sá de Miranda preferiu a obscuridade e parece que Deus tem querido fazer-lhe a vontade. O seu desaparecimento, porém logo fez acordar um coro de lamentações. É que, tão pouco firmes de certeza e exactidão as datas do seu nascimento e morte, a sua vida foi, no entanto, um sulco bem vincado e profundo:

— Aquil cantava Sá, daquil seguro,
Livre do mortal peso, ao céu voou:
Pastores, vinde honrar a sepultura.

De Sá que está no céu, da terra rindo.

(Diogo Bernardes)

— Ah já aquela inocência santa e boa
Do bom velho, aquela alta e sã doutrina
Nos deixau. Quam depressa o melhor vaal
Oh santo velho, de mil anos dina
Era tu vida, e lnda mil anos cedo.
Quem honra o campo? quem virtude ensina?

(António Ferreira)

— Indo desta região onde lnda moro,
Saudoso de ti que amando voaste
A essa luz, magno, desque entraste
Que versos cantarás no eterno coro.

(D. Manuel de Portugal)

— A alma no céu repousa eternamente.
Cheia do que cá tinha merecido.
O nome voando vai de gente em gente,
Vivo é no céu, o vivo na terra anda.

(Andrade Caminho)

Em todos a convicção de que o saudoso Sá passou da vida mortal, pelo merecimento das suas grandes virtudes, ao gozo da eterna glória. E, se ninguém pensou em canonizá-lo como santo ou bemaventurado, seguro é que logo ficou canonizado para a História como o mais lidimo modelo de carácter e de cidadão íntegro e incorruptível. A sua vida desponta à luz dos factos com uma auréola de virtudes cristãs e cívicas.

Meus senhores, há duas grandes correntes neste mundo — a do bem e a do mal. Sá de Miranda-filósofo, não se deixou acorrentar, como infelizmente sucede ao comum dos mortais, pela que lhe seria mais cômoda e fácil; antes se lhe opôs pela palavra e pelo exemplo.

A humanidade debate-se nessas duas correntes desde o individuo que se isola à multidão em que se aglomera. Elas agitam-se suave ou tempestivamente pela palavra e pelo conselho insinuantes e tal qual se observa entre os elementos da natureza sacudidos pela aragem. Entra o rumor a trabalhar e pode atingir a fúria das batalhas, em que se traduzem por último recurso, as mais graves inquietações humanas.

Sá de Miranda agitou brandamente a da poesia, cheia de ensinamentos, de edificação, é o que se lê claramente no epitáfio que assinala a sua sepultura:

— Dizendo graças maduras e galantarias sãs
Ajuntou poesia humana com suavidade divina.

No entanto a sua obra poé-

tica é concretamente o reflexo palpável de uma vida que, se anda tão esquecida, é que rara e dificilmente se encarna e vive a essência da sua doutrina. Pelo que interessa à ordem e interesse literários, a sua obra correspondente a um nítido movimento de Reforma e assim é que o mesmo epitáfio acrescenta:

— Podendo com sua espada passar a honra de seus avós
Quis sômente pelear com a pena da poesia.

Deu a seus contemporâneos o raro exemplo das maiores virtudes. Em sua obra legou à posteridade uma lição sempre viva e actual, por isso não morreu; é o que significam os últimos dizeres do seu epitáfio:

— Em tudo Miranda também na morte foi admirável.
Em suas cinzas está escrita a glória da sua pátria.

Domingos M. da Silva



Igreja de Carrazedo (Amares)

Canadá-Montreal

MONSIEUR, S. ENKIN INC recomenda e pede a todos os portugueses que vivem em Montreal e que estão para vir para o Canadá, que devem procurar o bem conhecido MERCADO DO ST. LAURENT E DORCHESTER que bem pretende servir os seus clientes amigos portugueses com todas as variedades de frutas, tais como BANANAS, LARANJAS, LEGUMES, DE TODAS AS ESPÉCIES E MERCADORIAS a preços convidativos. Procurem, pois, o mercado mais completo e o que melhor serve os EMIGRANTES. 1187 ST. LAWRENCE

Castro de Carrazedo

por Domingos M. da Silva

fogo a cidade, marchou para o campo de Almança e achou-se na batalha que nela deu o nosso exército, rompendo-lhe os inimigos o seu 3.º no chão da batalha, em o lado direito da segunda linha, onde pelejou com tanta constância, por ser o seu 3.º o último que conservou a forma, e aí ficou prisioneiro.

Consta pelas certidões que procedia tão bem que se lhe deram, por seus generais; nestas campanhas empregos que não lhe tocavam, pela boa conta que deles dava e haver-se oferecido para outros voluntariamente, com valor assinalado; como também com desinteresse nos saques que houve, e nos quartéis em que esteve no reino de Valença, por não escandalizar os ânimos dos Castelhanos, que conviinha adquirir.

Consta mais padecer no reino de Valença, em sua pessoa e família, um contágio de que esteve com manifesto perigo de vida e com grande despesa de sua fazenda, na qual tinha recebido tanta diminuição depois que começou a guerra, que perdeu mais de quatro mil cruzados em cada um ano, havendo sido duas vezes saqueada a sua bagagem, além dos precisos gastos de prisioneiro.

Alega o suplicante o grande desinteresse com que seu pai procedeu naquele governo (de Pernambuco) e não se lhe haver dado posto em que resarcisse as despesas que nele fez, e no mais serviço.

Pertencem ao suplicante *in solidum* os serviços do dito seu pai, por sentença de justificação.

Pede por todos os serviços referidos o título de *Conde de Amares* de cuja vila é senhor, ou de outro qualquer lugar da sua jurisdição, para o que alega os serviços que seu avô Felix Machado marquês de Montebelo fez, achando-se em Madrid antes e depois da aclamação do Senhor rei D. João o 4.º, e espera esta mercê por quatro acções, que representa, e são as seguintes:

Primeira, prometer-lhe Filipe IV no ano de 1630 este mesmo título, como dizia constar de um memorial que seu avô imprimiu e deu ao dito rei no ano de 642, e como tal era seu filho tratado pelos Castelhanos, por conde de Amares, como mostrava por certidão do marquês de Arronches e por carta que lhe escrevera a rainha D. Mariana de Austria, em que tratava o suplicante por conde de Amares. Apresentava a patente que tinha de Conde de Amares.

Segunda, porque em atenção de o suplicante se achar com esta mercê de título em Castela, lhe prometera o Senhor Rei D. João o 4.º ordenando-lhe ficasse em Castela para ali continuar o serviço que lhe fazia; que não aceitara de Filipe 4.º por lhe não dar com a antiguidade que pretendia, que era respeitando o ano antes da aclamação, em que se lhe prometeu, porque, fazendo-se-lhe depois dela, não lhe era valiosa, sem mercê do Senhor Rei D. João o 4.º, a qual já havia recebido como promessa.

Terceira, por haver sido seu pai tratado pela rainha de Castela, como tutora de Carlos II seu filho, por conde de Amares, como refere na segunda acção, e com as cartas dos grandes e títulos de Castela, que o tratavam por Ex. cia em atenção deste título que se lhe dera em sua menor idade.

Quarta, porque por serviços semelhantes se tinham feito maiores mercês neste reino, como fora a de conde Borba, que se deu, entre outras muitas, a D. Vasco Coutinho por descobrir uma das conjurações que se imaginaram contra el-rei D. João II, e a do título de marquês de Aguiar ao conde de Vimioso, D. Francisco de Portugal, por haver revelado outra contra D. João IV, o que o dito seu avô fizera, não só uma mas muitas vezes, enfeitando em uma delas as tentativas e promessas que lhe fizeram os castelhanos para que entrasse nela; O que tudo dizia constar das certidões que juntara seu filho, pai do suplicante, e achavam-se na Secretaria de mercês pelo ano de 1673; como também a liberdade com que respondera àquela proposta da conjuração declarando que só viria a este Reino a servir a seu rei e dar a vida por ele, desprezando generosamente os acrescentamentos que tinha e esperava de Castela, e neste Reino a Comenda de Castela de S.

(CONTINUA)